

COORDENAÇÃO  
Carlos Fortuna

EQUIPA EDITORIAL  
Ana Serrano  
Bernardo Fazendeiro  
Isabel Dórdio Dimas  
Rita Martins

# MIL FOLHAS

BOLETIM QUADRIMESTRAL

1 2 9 0  
  
FACULDADE DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA

## ESPECIAL BANDA DESENHADA

MAS TU AINDA  
LÊS LIVROS  
COM RONECOS

TESTEMUNHOS  
FOLIO 2023  
- RISCOS  
CARLOTA SIMÕES .4

DEPOIMENTO  
O PAPEL  
DA BANDA DESENHADA  
NAS BIBLIOTECAS  
E NA UNIVERSIDADE  
JOÃO RAMALHO-SANTOS .2

TESTEMUNHOS  
UM DIA EM  
OBIDOS  
CARLOS GONÇALVES .5

OUTRAS BIBLIOTECAS  
A BEDETECA DE BEJA  
PAULO MONTEIRO .6

SUGESTÕES DE LEITURA  
RITA MARTINS, ANA RAQUEL MATOS, BERNARDO FAZENDEIRO, LILIANA PIMENTEL .8

2



MAS TU AINDA  
LÊS LIVROS  
COM RONECOS?

# O PAPEL DA BANDA DESENHADA NAS BIBLIOTECAS E NA UNIVERSIDADE

JOÃO RAMALHO-SANTOS *FCTUC*  
*Departamento de Ciências da Vida / Universidade de Coimbra*

**S**empre que me pedem para escrever sobre banda desenhada num contexto académico há a tentação de entrar numa onda justificativa imparável. Que a BD não é só para crianças, que não é uma forma de leitura “fácil” para quem não tem paciência ou vagar para livros “a sério”, que não tem a ver com os filmes de super-heróis, etc. Quando o que está em causa é apenas uma forma de linguagem como outra qualquer que, por acaso, utiliza combinações de imagens sequenciais com quantidades variáveis de texto para transmitir mensagens. Uma linguagem que pode, num dado momento, ser historicamente relevante, mostrando como se podem passar mensagens de forma eficaz em contextos complexos como, por exemplo, os que se seguiram à revolução de 25 de abril de 1974, algo que foi descrito recentemente (2022) em “Imagens de uma Revolução: O 25 de Abril e a Banda Desenhada” da autoria de João Miguel Lameiras, João Paulo Paiva Boléo e de mim próprio; e que atualiza uma obra anterior.

*“...o que está em causa é apenas uma forma de linguagem como outra qualquer que, por acaso, utiliza combinações de imagens sequenciais”*

Mas, qualquer que seja o género, deve ser possível encontrar em qualquer biblioteca de referência obras que vale a pena conhecer, e onde citar nomes concretos é tão inevitável, quanto injusto e incompleto. Em tiras humorísticas, “Peanuts” de Charles Shultz ou “Calvin & Hobbes” de Bill Watterson. Em fantasia e ficção científica o notável trabalho de Moebius a solo (“Arzach”) ou com argumentos do cineasta/poeta/guru/tudo Alejandro Jodorowsky (“O Incal”); o cunho mais político de Enki Bilal a solo (“A trilogia Nikopol”) ou com Pierre Christin (as obras agrupadas nas séries “Légendes d’Aujourd’hui” e “Fins de siècle”); ou ainda “Akira” de Katsuhiro Otomo. Biografias como “Feynman” de Jim Ottaviani e Leyland Myrick. (Auto) Biografias com contornos de análise e catarse pessoal e histórica, como “Maus” de Art Spiegelman, “Barefoot Gen” de Keiji Kakazawa ou “Persepolis” de Marjane Satrapi; ou enquanto reflexo de uma autodescoberta em termos pessoais ou de género, como “Blankets” de Craig Thompson ou “O árabe do futuro” de Riad Sattouf, o trabalho de Alison Bechdel (desde logo “Fun Home”) ou “Género: Queer” de Maia Kobabe (um dos livros mais banidos de bibliotecas nos E.U.A.). Super-heróis, como “Watchmen” de Dave Gibbons e Alan Moore ou “The Dark Knight Returns” de Frank Miller. Aventuras com diferentes cunhos e ambientes, de “Corto Maltese” de Hugo Pratt a “Silêncio” de Didier Comès, passando por “Jonathan” de Cosey, e visitando “As Cidades Obscuras” de François Schuiten e Benoît Peeters, sem esquecer “Tintin” de Hergé ou o inclassificável Brecht Evens. E incluindo os notáveis “romances gráficos” de Will Eisner, que cunhou este termo (infelizmente vulgarizado em Portugal como “novelas gráficas”), precisamente porque a designação comum da banda desenhada nos E.U.A. (“comics”) lhe parecia desadequada para as histórias semiautobiográficas de cariz dramático e realista que pretendia contar. Por último, vale muito a pena citar o género de reportagem, onde se destaca o notável trabalho de Joe Sacco (não só “Palestina”, mas toda a sua obra), e onde Ted Rall ou Zerocalcare mereciam talvez uma oportunidade entre nós.

**C**aso se pretenda uma perspetiva nacional, temos desde logo o trabalho de Raphael Bordallo Pinheiro (como “Apontamentos sobre a picaresca viagem do Imperador de Raslib pela Europa”, de 1872), considerado um dos pioneiros mundiais da linguagem de banda desenhada. Seguiram-se muitos outros nomes que talvez sejam mais conhecidos de outras lides, como Cottinelli Telmo, Stuart Carvalhais ou Carlos Botelho. Depois houve Fernando Relvas (“L123”/“Cevadilha Speed”), José Carlos Fernandes (“A pior banda do mundo”) ou o imprescindível “Salazar” de Miguel Rocha e João Paulo Cotrim. Mais recentemente, recomendam-se os trabalhos de Filipe Melo com Juan Cavia, os de Francisco Sousa Lobo; e, este ano, “O mangusto” de Joana Mosi, “Elviro” de Paulo J. Mendes ou “Companheiros da penumbra” de Nunsky. Do ponto de vista académico mereceriam um especial destaque obras

que procuram explicar, discutir e problematizar a linguagem da banda desenhada, utilizando-a para o fazer, como os trabalhos do já referido Will Eisner (“Graphic Storytelling and Visual Narrative”) ou de Scott McCloud “Understanding Comics”. Mas há quem vá mais longe, como Nick Sousanis, cuja Tese de Doutoramento terá sido a primeira apresentada na forma de BD (“Unflattening”). Na Universidade de Coimbra, “Making Comics in Science and Health Communication: Insights from the Creation Process”, Tese de Rui Tavares no Programa Doutoral de Biologia Experimental e Biomedicina (PDBEB) do Instituto de Investigação Interdisciplinar (III-UC) será porventura a primeira a usar predominantemente a BD, sendo orientada por Anabela Marisa Azul, João Arriscado Nunes, e por mim próprio. Sendo de formação artista gráfico, Rui Tavares trabalhou com a sua colega do mesmo Programa Doutoral Mireia Alemany i Pagès, a argumentista com formação inicial em ciências da vida, e cuja Tese, orientada pela mesma equipa, intitulada “A Healthy Liver will always deliver!’: Development of a Comic to Raise Awareness about Non-Alcoholic Fatty Liver Disease (NAFLD) and Other Metabolic Disorders” foi apresentada em 2021. O projeto global, enquadrado na rede FOIE\_GRAS, financiada por uma ação Marie Skłodowska Curie (MSCA), utilizou princípios de Medicina Gráfica e de cocriação para produzir uma banda desenhada que esclarecesse uma população não especializada sobre a doença do fígado gordo não alcoólico. Trata-se de um problema emergente de saúde pública, que tem recebido muito menos atenção do que outras doenças metabólicas similares (como a Diabetes), apesar de ser potencialmente tão perigoso, debilitante e pesado para os sistemas de saúde. A Medicina Gráfica é um género de BD que pretende relatar experiências de doentes, cuidadores, familiares, clínicos ou investigadores, relacionadas com uma dada patologia. Neste caso concreto a ideia era promover conhecimento sobre uma doença muito pouco conhecida, de um modo simples, mas cientificamente correto, criando personagens e uma narrativa com a qual potenciais doentes (e a população em geral) se pudessem de algum modo identificar.

**O** trabalho inicial implicou conhecer o perfil típico de doentes metabólicos, bem como o que sabiam (ou desconheciam) sobre a sua condição clínica, e ainda o que gostariam de saber, de modo a poderem lidar melhor com ela. Como a doença de fígado gordo não alcoólico não está muito difundida, foram entrevistados doentes com Diabetes, uma patologia com bastantes semelhanças (doentes de uma têm grande probabilidade de sofrer da outra). A partir dessas entrevistas, detetaram-se temas comuns e construíram-se retratos-tipo, criando-se personagens com funções narrativas distintas. Nomeadamente, o doente recém-diagnosticado que quer mudar o rumo da sua vida (praticando estilos de vida mais saudáveis), familiares que estão a tempo de evitar a doença no futuro, outros que recusaram tratamento; seguindo-se ao longo da história a evolução das diferentes personagens, de acordo com as suas opções pessoais. Por outro lado, se um desenho realista é ideal para representar personagens humanas, já um estilo mais caricatural, com uso de antropomorfização, pareceu útil para fazer passar conceitos científicos complicados usando metáforas acessíveis. Neste caso transformaram-se células do nosso corpo ou moléculas-chave nestes processos, como a insulina, numa espécie de personagens simbólicas.

*“...a BD foi eficaz a transmitir informação, provando, se fosse preciso, que há muitos lugares para a linguagem na academia e, portanto, nas bibliotecas.”*

Mas como sabemos que este tipo de estratégias funciona? Para isso foi preciso recorrer a questionários a pessoas antes e depois de ler a BD final, “Um fígado equilibrado é meio caminho andado!”. Dada a pandemia de COVID19, os questionários foram realizados numa plataforma online com o apoio do jornal “PÚBLICO” na divulgação dos inquiridos. E, de facto, como demonstrámos numa série de artigos científicos, a BD foi eficaz a transmitir informação, provando, se fosse preciso, que há muitos lugares para a linguagem na academia e, portanto, nas bibliotecas. ●

# FOLIO 2023 - RISCOS

**CARLOTA SIMÕES** *Diretora da Imprensa da Universidade*

*O Festival Literário Internacional de Óbidos (FOLIO) existe desde 2016. Nasceu por iniciativa de José Pinho, o livreiro fundador da Ler Devagar. Todos os anos é sugerido um tema para o festival. À oitava edição, a de 2023, calhou a palavra RISCOS, com as variantes que cada um imaginar. Mas ninguém imaginou que o verdadeiro risco iria ser fazer acontecer o primeiro FOLIO já sem a presença do José Pinho.*

A Imprensa da Universidade de Coimbra participou com três debates interdisciplinares:

- O trilho do caminho (a partir do livro *Walking & Cycling*, uma nova geografia do turismo, de Paulo Carvalho);
- O fio do azeite (a partir do livro *Das Culturas da Alimentação ao Culto dos Alimentos*, de Paula Barata Dias et al.);
- A linha da fronteira (a partir do livro *Manifesto a Crioulização*, do músico e poeta caboverdiano Mário Lúcio Sousa).

Carlota Simões, Diretora da Imprensa da Universidade, e Carlos Gonçalves, um dos participantes nos debates, contam-nos na primeira pessoa como tudo se passou.

## MAIO DE 2023 - O CONVITE

O FOLIO distribui a sua programação por diversas rubricas: AUTORES, EDUCA, ILUSTRA, BD, BOÉMIA, FOLIA... José Pinho coordenava FOLIO MAIS, a rubrica que se encarrega da programação que chega através de editores, livreiros, instituições, fundações culturais, entre outros. Colaborei com o FOLIO MAIS nas quatro primeiras edições (2016 a 2019), até chegarem os anos de pandemia. Quando a 23 de maio de 2023 recebi um mail do Zé Pinho, dirigido aos que com ele foram colaborando ao longo dos anos, tinha chegado o momento de envolver na programação a Imprensa da Universida-

de. Liguei ao Zé Pinho no dia 29 de maio. “Tenho aqui três ideias para debates, será que encaixam no tema?” Sugeri-lhe vários títulos. O Zé ia respondendo e concordando, animado, até que a certa altura me diz: “olha, eu não posso falar mais, estou no hospital... Vou passar ao meu cunhado que te explica tudo”. O cunhado continuou a conversa: o Zé estava nos cuidados paliativos, já não suportava muita luz nem muito ruído, já mal falava, quem estava com ele naquele momento surpreendeu-se por ele manter durante aqueles breves minutos uma conversa entusiasmada: tinham razão, morreria no dia seguinte.

Mas confesso que em outubro, já durante o festival, me pareceu ter visto o seu rosto de olhos claros e sorriso rasgado entre as muitas caras que formavam a multidão. ●



# UM DIA EM ÓBIDOS

**CARLOS GONÇALVES** *FCDEF - Universidade de Coimbra*

Apesar da omnipresente sugestão da ginjinha, do chocolate e do pastel de bacalhau com queijo da Serra, dos intermináveis grupos de turistas mais ou menos cientes do local onde passeiam, Óbidos aparece quase naturalmente como lar de um festival literário. Para além do cenário quase pictórico, as muralhas envolvem o espaço, as distâncias são curtas, os declives suaves transpõem-se sem grande esforço e tudo convida a um deambular pachorento. Afinal, as leituras e as conversas não são para ser feitas a correr. E a intrincada malha de ruas, ruelas, becos, escadinhas, largos escondidos e recantos inesperados, permitem fantasiar que, ao virar da esquina, pode aparecer um personagem de uma história sombria de Blacksad.

Mas o Folio é um festival literário, não um festival de literatos. A estonteante diversidade de autores, temas, formatos, locais e composição dos públicos dá para tudo e

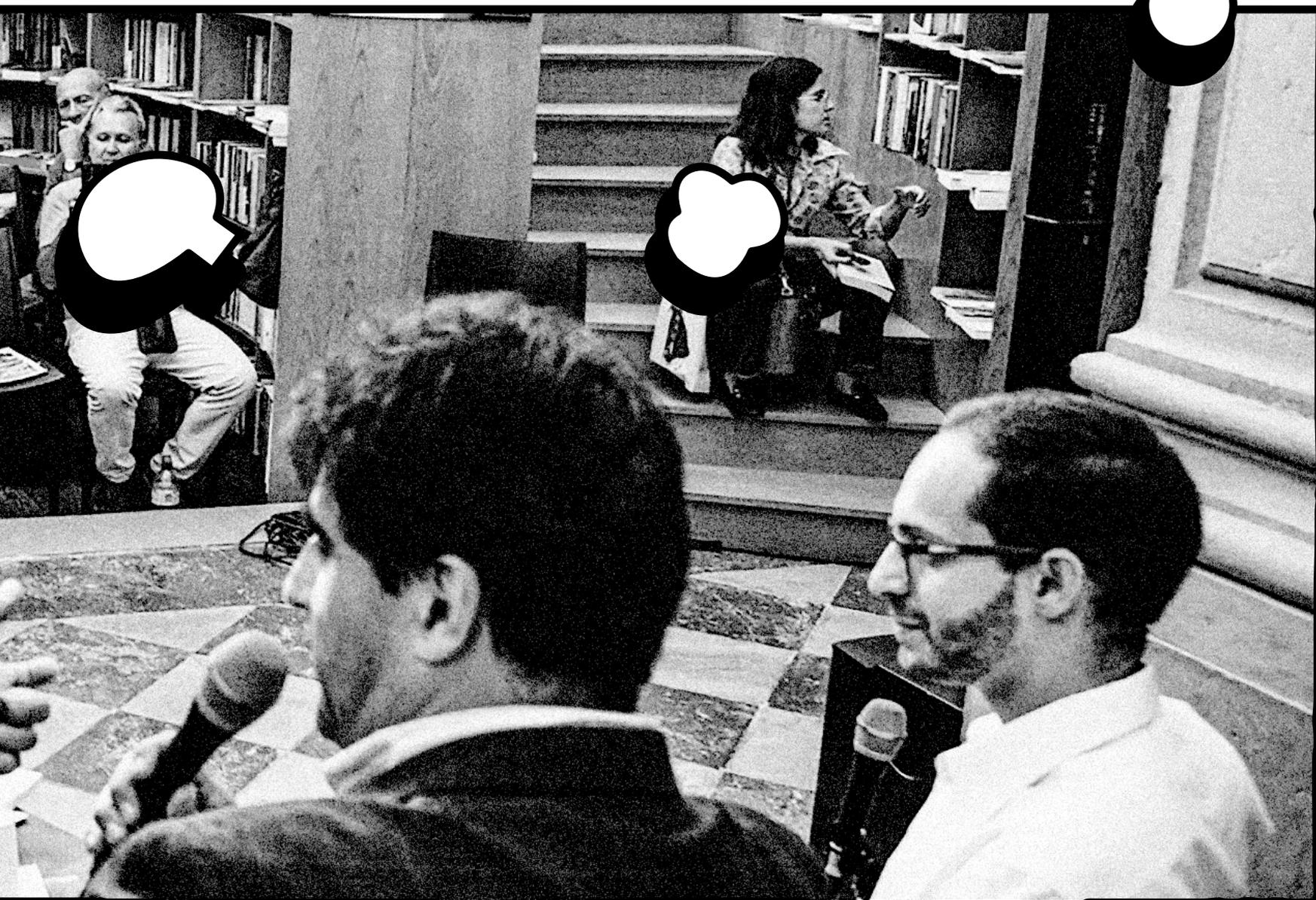
incentiva a participação mais ou menos democrática, porque tudo convida a ouvir, a falar e, talvez, a ler.

É possível assistir reverentemente às intervenções de uma ou outra estrela mediática, escutar uma palestra preparada, colocar perguntas, comentar, debater. O ambiente criado por moderadores, membros das mesas e público, relacionado, ou não, com o tema proposto, pode levar a desfechos inesperados e, na maior parte das vezes, bem estimulantes. Pessoalmente, a convite da Imprensa da Universidade de Coimbra, participei numa conversa, aliás bastante pacífica, que acabou com um par de botas de montanha em cima da mesa.

As dinâmicas criadas pela liberdade intelectual e pela informalidade da maioria dos eventos geram também resultados performativos curiosos. Fui espectador numa ses-

são em que os elementos do painel se engalfinharam em acalorada discussão, perante a impotência do moderador, para gáudio e irritação do público, que não conseguiu colocar qualquer questão ou comentário.

E como não é um festival de literatos, não é preciso fingir que se leu tudo. Intervir numa conversa a partir de um livro que não se leu, mas cujo tema nos interessa, pode ser uma forma de enriquecimento e de estímulo à leitura. A experiência de caminhar pela vila, seguindo este ou aquele tema, este ou aquele autor, ou simplesmente a vontade de nos sentarmos e conversar livremente, é um prazer pessoal enorme e um ato de cidadania. E, com sorte ou conhecimentos, será possível beber uma ginjinha proveniente de ginjas verdadeiras. Corto Maltese teria gostado de ir ao Folio. ●



# A BEDETECA DE BEJA

**PAULO MONTEIRO** *Diretor da Bedeteca*

Inaugurada em abril de 2005, a Bedeteca de Beja é um equipamento municipal vocacionado para a divulgação da banda desenhada, embora contemple áreas como a ilustração, o cartune e o cinema de animação. Possui um acervo considerável de álbuns de banda desenhada e revistas, contemplando todas as tendências e movimentos. Possui também um Núcleo de Documentação e Pesquisa, um Núcleo de Cinema de Animação, Cartune e Ilustração, Espaço Internet e Núcleo de Trabalho (onde os autores podem realizar as suas obras). A programação da Bedeteca, mensal, abrange áreas tão diversificadas como a montagem de exposições (ao longo dos anos a Bedeteca já organizou mais de 700 exposições), workshops, encontros, conferências, eventos temáticos, etc. Mantemos ainda vários ateliês em funcionamento: o Toupeira – Ateliê de Banda Desenhada, que congrega perto de 40 autores de banda desenhada da cidade e dos concelhos limítrofes (é o “coletivo de autores mais antigo do país, funcionando ininterruptamente desde 1996), e o Ouriço-do-Mar (dirigido às crianças). Outra vertente importante da ação da Bedeteca reside na publicação do fanzine Venham + 5 (onde se publicam os autores do Ateliê, entre outros), da Coleção Toupeira (onde se dá relevo à produção artística nacional) e da revista Splaft! (de crítica e divulgação).

*“A programação da Bedeteca, mensal, abrange áreas tão diversificadas como a montagem de exposições (...) workshops, encontros, conferências, eventos temáticos, etc.”*

## O FESTIVAL

A Bedeteca também realiza eventos com relevo à escala internacional, de que se destaca o Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja (FIBDB) que entrará para o ano na sua 19ª edição. O Festival reúne autores provenientes de todo o mundo e tem normalmente patentes ao público entre 15 a 20 exposições. É um festival muito eclético, reunindo todos os estilos e todas as temáticas, da banda desenhada de super-heróis à banda desenhada mais introspectiva ou autobiográfica, passando pela banda desenhada de inspiração japonesa, pela chamada banda desenhada “alternati-

va”, pela banda desenhada de carácter cómico, infantil, de aventuras, etc. O Festival prolonga-se por duas semanas e tem programação paralela diária (animações variadas, ciclos de cinema, concertos desenhados, debates, encontros com autores, lançamentos de livros, maratonas de desenho, revisão de portfólios com editores europeus, sessões de autógrafos, sessões de desenho ao vivo, workshops, etc.). É também importante realçar que o Mercado do Livro (parte integrante do Festival) conta normalmente com mais de 70 editores presentes.

## 10.000 VISITANTES

O FIBDB assume uma importância muito particular na economia da região: no primeiro fim-de-semana do Festival a capacidade hoteleira da cidade (e restaurantes) fica praticamente esgotada. Todos os anos registamos perto de 10.000 visitantes o que, numa cidade com 23.000 habitantes, não passa despercebido. Embora a enorme maioria destes visitantes sejam da cidade ou da região, muitos dos que nos procuram vêm de todo o país. E não só: nos últimos anos tem-se feito sentir uma presença cada vez maior de visitantes estrangeiros: espanhóis, naturalmente, mas também franceses, italianos, etc. Hoje, para muitos milhares de pessoas no nosso país, o nome “Beja” está essencialmente ligado à banda desenhada. Muitos dos visitantes acabam mais tarde por voltar, para visitar a cidade e os arredores.

## A “BEDETECA DO SUL”

Outra característica importante no trabalho desenvolvido pela Bedeteca reside no facto de extrapolar grandemente as fronteiras do concelho de Beja. Ao longo dos anos a Bedeteca de Beja foi-se assumindo como a “Bedeteca do Sul”. Já promoveu atividades em mais de 50 concelhos do nosso país: exposições, ateliês, ações de sensibilização nas escolas, conferências, etc. E também no estrangeiro: têm-se multiplicado as exposições (com autores portugueses) e as conferências (sobre a História da BD Portuguesa, sobre o Festival e sobre o futuro Museu da Banda Desenhada de Beja) um pouco por toda a Europa (Bélgica, Chéquia, Dinamarca, Espanha, França, Polónia e Sérvia), em Angola e no Brasil. Este último projeto, o do Museu da Banda Desenhada de Beja, tem norteado a ação da Bedeteca,

## UM MUSEU NO HORIZONTE

nos últimos anos. O trabalho efetuado pela Bedeteca favoreceu a criação de uma teia de relações muito forte a nível institucional. E também potenciou a oferta de muitos originais ao município. Esta situação levou a que se ponderasse a criação do Museu da Banda Desenhada, facto desde logo muito acarinhado pelos agentes ligados a esta área e pelo público em geral, já que o nosso país é um dos raros países da Europa onde não existe nenhum museu dedicado a esta temática. Inexplicavelmente, pois é também um dos países com uma das histórias mais ricas no que à banda desenhada diz respeito. Basta referir os nomes de Rafael Bordalo Pinheiro, Stuart de Carvalhais, Cottinelli Telmo, Carlos Botelho, Fernando Bento, Eduardo Teixeira Coelho ou José Ruy (apenas para referir alguns dos autores mais antigos) para ter essa noção...

O Museu poderá assumir-se como um agente diferenciador da região, atraindo visitantes de todo o país e do estrangeiro. A existência do Museu da Banda Desenhada em Beja assume-se como um contributo importante para a valorização cultural da região e do país. O Museu permitirá acarinhar as dinâmicas já existentes, e potenciar outras, como sucedeu em muitas cidades europeias de que Angoulême, em França, é o melhor exemplo. ●

*“O Museu poderá assumir-se como um agente diferenciador da região, atraindo visitantes de todo o país e do estrangeiro”*

VISTA GERAL DA REDETECA



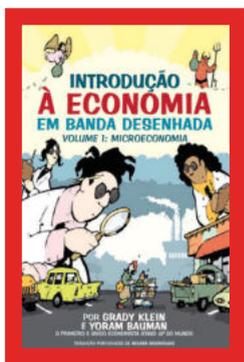
OUTRAS BIBLIOTECAS

EXPOSIÇÃO DE FRANZ DUCHAZEAU



ATELIÊ COM ALAIN CORREL





## INTRODUÇÃO À ECONOMIA EM BANDA DESENHADA – VOL 1: MICROECONOMIA

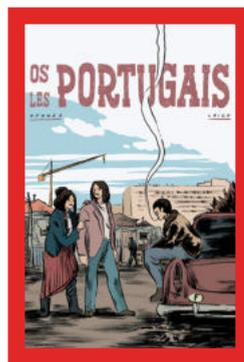
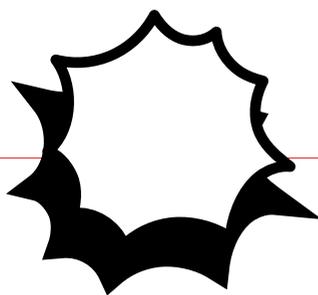
Klein, Grady; Bauman, Yoram.  
Lisboa: Gradiva, 2019

[330.101.542 KLE]  
RITA MARTINS FEUC

*Introdução à Economia em Banda Desenhada* de Klein e Bauman é uma obra em dois volumes, o primeiro dos quais, objeto desta recensão, é dedicado à Microeconomia e o segundo à Macroeconomia. Corresponde à tradução para português do livro original “The Cartoon Introduction to Economics – Volume one: Microeconomics”.

Neste Volume 1, com o auxílio das ilustrações de Klein, Bauman explica conceitos microeconómicos básicos e essenciais de uma forma simples e ao mesmo tempo divertida. Desde o indivíduo otimizador até à determinação dos preços, são ilustrados resultados dos comportamentos individuais e das interações entre agentes económicos. Pelo meio, os autores introduzem sumariamente instrumentos e metodologias de trabalho dos economistas, como a análise marginal ou a teoria dos jogos.

É uma obra que pode ser vista quer como aperitivo, sobretudo para leitores que pretendam iniciar-se na área da Economia, quer como um suplemento, por exemplo para quem a ensina. Tanto para uns como para outros, *Introdução à Economia em Banda Desenhada* oferece características que pouco se cruzam em manuais de economia: o desenho criativo, o humor e a autocritica. Trata-se, assim, de uma ferramenta para tornar acessível e apetecível a aprendizagem, e estimulante o ensino de temas económicos introdutórios, muitas vezes vistos como enfadonhos. ●



## OS/LES PORTUGAIS

Afonso, Olivier. *Os/Les Portugais*.  
Benavente: Ala dos Livros, 2022.

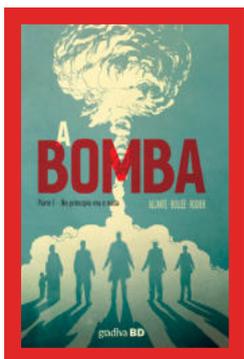
[314 AFO]  
ANA RAQUEL MATOS FEUC

Foram milhares os/as portugueses/as que fugiram da ditadura em Portugal. Clandestinamente, muitas dessas pessoas percorreram um trajeto que passava por Espanha até alcançar França. Porém, as pessoas não são números e os números não contam histórias. Este livro, por conseguinte, relata a vida de algumas dessas pessoas, cujos nomes são títulos de capítulos, pela exata importância que tem cada história de vida, com direito a nome próprio.

As páginas de *Os/Les Portugais* revelam-nos deslocamentos do país até à década de 1970. Relatam viagens atribuladas, a fuga da miséria em Portugal e o encontro com os “escandalosos campos de imigrantes” que iam sendo derribados para nascerem de novo, mais à frente, noutro subúrbio francês feito da mesma ou pior insalubridade.

E é na geometria do quadrado que se narram acontecimentos e se vai articulando a história de cada personagem que imigra

também para desenhos feitos no papel, onde se apreendem redes de solidariedade, estratégias de sobrevivência e a identidade de um país que fica para trás. Esta obra revela de que é feita essa identidade, impossível de preencher em França, a não ser em doses de profunda saudade. Relata a experiência de ver nascer um país novo, à distância de uma revolução, e de como o 25 de Abril abriu portas ao desejo de regresso. O livro não esquece França como destino de agora, de novos “portugueses” que lá quiseram permanecer, berço de novas histórias que futuramente se poderão também contar. Cada percurso de vida desenhado nas páginas desta obra conta o respeito e a dignidade humana de que é (ou deveria ter sido feito). O conhecimento sobre os processos migratórios e as Ciências Sociais devem muito ao testemunho e à abordagem biográfica, exatamente porque as pessoas não são números e os números não contam histórias. ●



## A BOMBA

Alcante, Didier; Bollée, Laurent-Frédéric.  
Vol. 1 & 2. Ilustrações de Denis Rodier.  
Lisboa: Gradiva, 2022.

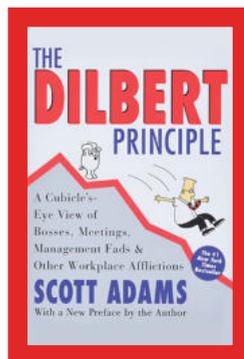
[327 ALC]  
BERNARDO FAZENDEIRO FEUC

*A Bomba* de Alcante, Bollée e Rodier retrata a história do desenvolvimento de armas nucleares. Através de uma grafia realista e de diálogos incisivos, os leitores ficarão a conhecer todo o dispositivo científico e social montado durante o chamado Projeto Manhattan, como também o processo de decisão política que provocou a destruição de Hiroshima e Nagasaki, em 1945. O complexo económico-militar essencial para o processamento de urânio é assim apresentado em articulação com as várias ações que desencadearam a primeira e única utilização de uma bomba nuclear na história.

*A Bomba* apresenta alguns dos principais intervenientes intelectuais e políticos que especularam sobre a fissão do átomo e as respetivas repercussões na economia mundial, por exemplo na provisão de energia e na conduta da guerra. A banda desenhada detalha, por conseguinte, os

diálogos entre físicos teóricos, designadamente Einstein, sobre energia nuclear e a necessidade de os Estados Unidos desenvolverem essa capacidade tecnológica antes da Alemanha Nazi. O complexo industrial e logístico aplicado para a realização dessa descoberta ficou também patente no argumento, sobretudo os milhões de dólares que foram despendidos nesse sentido, em conjunto com os colossos de engenharia que foram criados com o objetivo único de processar urânio. Se isso não fosse suficiente, a banda desenhada expõe ainda alguns dos argumentos políticos que justificaram a criação dessa arma e a sua utilização posterior.

*A Bomba* constitui, portanto, uma excelente obra introdutória sobre o impacto de uma arma que ainda hoje afeta a guerra e a paz e, por essa razão, toda as Relações Internacionais e todo o pensamento geoestratégico global. ●



## THE DILBERT PRINCIPLE

Adams, Scott, *The Dilbert principle: a cubicle's-eye view of bosses, meetings, management fads and other workplace afflictions*. London: Bantam, 1996.

[658 ADA]  
LILIANA PIMENTEL FEUC

*The Dilbert Principle* é um livro de quadrinhos, publicado em tiras de jornal desde 1989, que tem como personagem principal “Dilbert”, uma figura criada pelo cartunista americano Scott Adams. O autor representa, de forma sarcástica e com a contribuição do seu público, o convívio conflituoso de funcionários no trabalho em escritórios de grandes empresas. A eficácia da mensagem baseia-se num elo comum entre o emissor e o recetor, uma porta de entrada para o universo desconhecido que a obra propõe, dado que o humor é uma excelente opção de vínculo, pois, para produzir o efeito desejado, a piada gera envolvimento, desperta a percepção, provoca estados de atenção e de compreensão simultâneos. Desse modo, os quadrinhos de humor são, cada vez mais usados, como meio de expressão na educação, promovendo o interesse dos alunos sobre os assuntos abordados em sala de aula. A narrativa de Adams sobre o mundo empresarial é para

os seus leitores, em geral empregados ou pessoas que se preparam para entrar no mundo profissional, uma lente sobre a contemporaneidade e a realidade do mercado de trabalho. A incompetência que Adams utiliza na construção do chefe de Dilbert é uma alegoria da irracionalidade burocrática e autoritária presente numa boa parte das grandes empresas e organizações, resultante da tentativa de união de interesses conflitantes: o lucro da empresa, o controle dos gerentes e a resistência dos funcionários.

O humor e o sarcasmo nos quadrinhos de Dilbert dão voz aos empregados de grandes empresas, que têm pouca liberdade para se expressar no ambiente de trabalho. A expressão de críticas do ambiente de trabalho, feita por intermédio da linguagem do humor dos quadrinhos potencializa a reflexão dos leitores sobre situações vividas por grande parte deles próprios e justifica, por isso, que recomendemos a sua leitura. ●